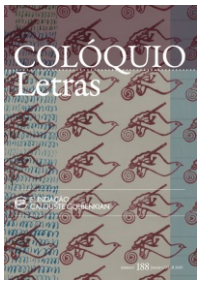

COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

A felicidade em Abert Camus : ainda segu(i)ndo Marcello Duarte Mathias [crítica a 'A Felicidade em Albert Camus. Aproximação à Sua Obra', de Marcello Duarte Mathias]

Maria Luísa Malato

Para citar este documento / To cite this document:

Maria Luísa Malato, "A felicidade em Abert Camus : ainda segu(i)ndo Marcello Duarte Mathias [crítica a 'A Felicidade em Albert Camus. Aproximação à Sua Obra', de Marcello Duarte Mathias]", *Colóquio/Letras*, n.º 188, Jan. 2015, p. 190-195.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

A FELICIDADE EM ALBERT CAMUS: AINDA SEGU(I)NDO MARCELLO DUARTE MATHIAS

> Sei de ciência certa que a obra de um homem não é outra coisa senão este longo caminhar para encontrar, através dos desvios da arte, as duas ou três imagens simples e grandes para as quais o coração, ao princípio, se abriu.
>
> ALBERT CAMUS

Raramente uma recensão crítica se debruça sobre a terceira edição de um ensaio. *A Felicidade em Albert Camus*, da autoria de Marcello Duarte Mathias — editado primeiramente no Rio de Janeiro em 1975 (Tempo Brasileiro) e depois em Lisboa, no ano de 1978 (Bertrand) —, é uma das justas exceções ao princípio. Ainda que se possa sublinhar o facto de conter agora mais três artigos sobre Albert Camus (dispersos dos anos 90 reunidos em *A Memória dos Outros*, de 2001), continua espantosamente atual no seu âmago, e a já raridade da edição de 1978 largamente justifica a oportunidade da reedição. Trata-se, em certa medida, da reedição de um texto clássico na bibliografia portuguesa sobre Camus.

O que distingue este ensaio de muitos outros é que ele não esconde a paixão do leitor, mais especificamente uma «paixão de juventude» (11). Temos para com essas paixões uma dívida permanente: para o bem ou para o mal transformaram-nos naquilo que somos. São disso testemunho os diários de Marcello Duarte Mathias, onde os acontecimentos vividos pelo próprio se vão entrançando com as alusões, explícitas ou implícitas, à obra e à vida de Camus: as lições da doença e da solidão ao longo de uma vida de diplomata, o impulso solar das paisagens da alma de um viajante, ou a escrita depurada, concisa e precisa, ainda na substância lírica. Diplomata de carreira desde 1970, Marcello Duarte Mathias viveu em Brasília, Bruxelas, Nova Iorque, Nova Deli, Buenos Aires, Paris. O ofício da escrita de um diplomata é uma outra forma de devoção cívica. Mas é o ofício da leitura que justifica, nos seus diários e ensaios publicados ou inéditos, um vasto xadrez de memórias dos «outros»: escritores, críticos literários, filósofos, pintores, realizadores, como Hemingway, Torga, Guerra Da Cal, Jean Daniel, Aron, Sartre, Matisse, Klimt, Woody Allen e até um George Steiner comentador de Fischer e Spassky. Podia ter escrito demoradamente sobre quase todos eles, porque os conhece bem. Mas será sobre Camus o mais longo livro dos seus ensaios, será Camus uma das presenças mais constantes da sua obra. «Porquê Camus? Porque se cada um é ele próprio e a sua circunstância, então o autor de *A Queda* foi a circunstância de muita gente, para não dizer de toda uma geração», escreverá Marcello Duarte Mathias num «Auto-Retrato» incluído em *A Memória dos Outros*: Camus seria

dele porque de todos. Alguma verdade haverá nisso. Mas as restantes razões parecem esconder outras e mais credíveis leituras: «Porque [Camus] juntava ao talento o gosto do combate, a paixão à generosidade, a probidade intelectual à ética na acção», prossegue. Camus responde sobretudo ao que pode ser só de alguns: «Porque foi dos raríssimos intelectuais a não se deixar contaminar pelas perversidades ideológicas ao gosto do tempo e dos contemporâneos, [...] brincadeira que lhe custou caro, a exemplo de todos aqueles que se recusam a emparelhar com a cobardia da matula», escreve ainda o autor. O que Marcello Mathias acaba por valorizar em Camus é o facto de ele ser contra a sua circunstância, identificando-a com a vontade, coragem e generosidade para a mudar, ainda que tivesse de enfrentar a incompreensão de uma geração inteira. As imagens que o ensaísta mais frequentemente retém são as de um Camus solitário. Começa o livro, escrevendo: «No dia 5 de janeiro de 1960, o *Times* de Londres, anunciando a morte do escritor francês Albert Camus, inseria nas colunas do seu editorial um artigo intitulado: 'A Man Who Walked Alone'. O jornalista definia assim, em cinco breves palavras, muito mais do que *a caminhada solitária* do escritor Camus — resumia o destino das suas melhores criações» (29).

O que cativa (lida a edição de 1978 em 1982 e relida agora esta de 2013) é a certeza que temos de continuar a ler um livro sério (aqueles que se escrevem sobre coisas importantes e raramente ditas), feito de palavras que nos comprometem. É certo que para tal é preciso acreditar na força que têm as palavras de alguém, como Camus, que já morreu e nos legou um livro urgente, dívidas acumuladas sobre dívidas, que alguns leitores tentam amortizar transformando-se em escritores. Não foi Marcello Duarte Mathias que escreveu em 1983 que há livros escritos por outros que lhe são mais íntimos que alguns escritos por ele próprio[1]? Pois é desses que queremos aqui falar. É de um desses que aqui falamos. São por isso, a nosso ver, de realçar as dispersas reflexões de Marcello Mathias sobre os biógrafos e ensaístas que, nunca tendo privado com Camus, «dele se lembram com um misto de respeito e de saudade», presença íntima e intertextualmente viva: «Viva, porque nos interroga; viva porque responde a muitas das nossas interrogações» (232). É a essa presença «viva» que Marcello Mathias presta homenagem, ao citar alguns dos autores da bibliografia de 1975-1978 (Charles Moeller, Nguyen van Huy, Roger Quilliot...), ou ao referir as memórias dos amigos de Camus (Jean Grenier ou René Char...), e é essa presença «viva» que volta a procurar na bibliografia que atualiza nos ensaios posteriores e no depurado prefácio de 2013 (Herbert R. Lottman, Olivier Todd ou, mais recentemente, Tony Judt e Michel Onfray).

Esta edição de textos sobre Albert Camus tem qualquer coisa de diarística: vai acumulando fragmentos autónomos. Poderíamos

lamentar a inexistência de um texto sobre *Le Premier homme*, romance inacabado de Camus publicado em 1994, até porque Marcello Mathias escreveu admiravelmente sobre um livro que com ele a nosso ver muito dialoga, *Núpcias* (cf. 261). Mas um diário fica sempre perfeito estando inacabado: «narração irregular, constituída por fragmentos autónomos, o diário é um livro já feito e ainda por fazer», dirá com conhecimento de causa o nosso autor em *A Memória dos Outros* (174). E por isso sabemos que um dia Marcello Duarte Mathias escreverá sobre *O Primeiro Homem*, noutras páginas ainda em branco.

Poderá também surpreender-nos o ritmo muito diferente da bibliografia passiva antes e depois de 1975 (ao levantamento quase sistemático anterior a 1975, centrado nas línguas portuguesa, francesa e inglesa, se poderia contrapor a muito seletiva dos artigos posteriores). Nesta reedição de 2013, o texto e a bibliografia de 1975 surgem (quase) sem alterações e até nela se conserva uma nota que regista com um saboroso anacronismo: «Publicou-se recentemente um estudo psicanalítico», sendo «recentemente» aqui o ano de 1973. Cremos que a editora e o autor quiseram conservar o advérbio. Ele é um marcador do tempo *perfectum*, acabado. A reedição não é aqui atualização de temas e fontes. É a reafirmação de um mesmo testemunho no que ele tem de inesquecível e memorável: «Pouco tenho a acrescentar ao que é dito nestas páginas» (11). A bibliografia não é aqui alarde de erudição («não estou a ser original, nem pretendo sê-lo», dirá na Nota Prévia). A Bibliografia é a busca contínua de diálogos sobre o que se ama em silêncio. Por isso a bibliografia passiva d'*A Felicidade em Albert Camus* é longa (não procurando ser exaustiva) e atenta. Lembra o olhar de um amante antigo e vigilante. Por entre as leituras sistemáticas da edição de 1978 e as seletivas dos textos inéditos de 2013 se vão introduzindo referências improváveis: as alusões a Camus na correspondência entre André Gide e Roger Martin du Gard; os apontamentos de duas conferências de Pierre Hourcade no Instituto Francês de Lisboa, gentilmente cedidos pelo autor; alguns artigos dispersos em revistas e jornais portugueses, nomeadamente de crítica de teatro; a informação recolhida na *Pequena História da Atribuição do Prémio Nobel a Albert Camus*, editada no Rio de Janeiro, da autoria de Kjell Strömberg, antigo conselheiro cultural da Embaixada da Suécia em Paris... É a bibliografia de quem, depois dos muitos livros percorridos, espera encontrar ainda lampejos daquela emoção descrita por Camus, ao ler na adolescência um livro menor de André Richaud: «Ele desatava no fundo de mim um nó formado por obscuras ligações, libertava-me de obstáculos que eu sentia sem poder nomeá-los» (41).

Antes do conhecimento que é dado pela intimidade do convívio pessoal, está pois aqui o conhecimento que é dado pela intimidade do

convívio textual. Se já no texto de 1975, Marcello Mathias desvalorizava algumas ironias de Sartre, 35 anos depois, em 2013, o prefácio à 3.ª edição acentua o valor simbólico do conhecimento intertextual, afinal mais verdadeiro que aquele que seria ditado pelo convívio nos cafés de Paris: «Coincidência curiosa: tanto Sartre como Camus, antes de pessoalmente se conhecerem em Junho de 1943 em Paris, quando da estreia da peça *As Moscas* de Sartre, haviam já respectivamente redigido recensões críticas aos livros de cada um» (13). Por isso o autor é sensível à interrogação que René Char dedicou ao seu amigo mais íntimo, Albert Camus, a interrogação sobre o silêncio impossível da leitura e da escrita, o silêncio impossível que acaba por legitimar releituras e reedições de escritores que nunca vimos e de quem nos sentimos íntimos. Marcello Mathias transcreve as palavras de René Char, sem as traduzir, ao contrário do que costuma, talvez para lhes ser ainda mais fiel: «Avec celui que nous aimions nous avons cessé de parler, et ce n'est pas le silence, qu'en est-il alors?» (232).

Se não é o silêncio, o que resta então depois da morte? Talvez seja a memória. Isto é, talvez a memória não passe da leitura e releitura das palavras e dos gestos, a escrita da citação, a reescrita da citação... Talvez a memória seja somente o que a vida faz com a leitura e a escrita... «'Só sei falar daquilo que vivi...' Se houvesse que o definir em poucas palavras, quero crer que estas seriam quase perfeitas», sublinha Marcello Duarte Mathias (131). E queremos nós crer também que é essa frase de Camus («Só sei falar daquilo que vivi») que leva Marcello Mathias a escrever, como faz nos seus diários e memórias: só é preciso falar daquilo que se viveu. Neste livro — como ainda nos ensaios d'*A Memória dos Outros* (2001) — se redescobre afinal o gosto da crítica «vivida», ainda quando salienta os defeitos de Camus: a imperfeição embrionária das primeiras obras do autor, a impressão desagradável do estilo documental e panfletário d'*A Peste*, o fraco efeito dramático de *Calígula* (cf. 75, 116, 175, 126). A crítica, instalada (como a literatura) entre a confissão e o ensaio, apoia-se sobre uma «brecha cuja extensão se ignora». Daí uma definição abrangente de «diário», que cobre vários géneros literários e paraliterários:

> Com efeito, Camus pisa e repisa com a complacência de um diarista os temas do anonimato, da mediocridade, do isolamento — já que um diário é sempre o testemunho de um solitário à espera de uma redenção. Solitário que enfrenta com uma atenção comovida e densa a soberana indiferença das coisas e nela se compraz como se nada mais houvesse a esperar. Como se nada mais lhe fosse dado cumprir. (34).

Uma das razões para reler *A Felicidade em Albert Camus* é pois rever um conjunto de importantíssimas e dispersas reflexões «interpessoais» sobre a leitura e a escrita, ou, mais precisamente, sobre a razão por que deve alguém ler e escrever. São propostas interessantes de cruzamento intertextual aquelas epígrafes em que o pensamento de Camus se vai lendo sob o beneplácito de citações de Sophia de Mello Breyner Andresen, Miguel Torga, Fernando Pessoa ou Raul Brandão, gente que escreveu em português, ao arrepio do mundo e por isso são tão universais quanto Camus. A empatia instala-se naturalmente nesta questão que também obcecava Camus, como está patente no discurso que a 10 de dezembro de 1957 fez à Academia, ao receber o Nobel da Literatura:

> L'artiste se forge dans cet aller-retour perpétuel de lui aux autres, à mi-chemin de la beauté dont il ne peut se passer et de la communauté à laquelle il ne peut s'arracher. C'est pourquoi les vrais artistes ne méprisent rien: ils s'obligent à comprendre au lieu de juger.

Marcello Duarte Mathias sublinha ao longo da obra de Camus a «vocação pendular» (extraordinário oximoro, entre o unívoco e o plurívoco) das opções éticas e estéticas do autor francês. Desde logo, em *O Avesso e o Direito*, se verifica «um movimento de ida e volta, de distância e regresso, de verdade ainda por definir a baloiçar-se entre duas vertentes desconhecidas de luz e sombra», «pêndulo de relógio imóvel entre seus extremos, pequeno intervalo entre duas margens do tempo». Delicadamente se teima: «Não desejaria repetir-me, mas a presença desta vocação pendular na estética de Camus é da maior importância...» (36 e 54). Tal «vocação pendular» de Camus acaba por ser também uma forma de perceber a sua definição de Felicidade, desde *O Avesso e o Direito*, *Núpcias* e *O Mito de Sísifo*: tempo dinâmico mas limitado ao espaço da oscilação,

> movimento dialéctico pela unidade dos opostos, esse «jogo de alternância», como diria Montherlant, que abarca todos os extremos da vida e do silêncio: a luz e a morte, a alegria e a miséria, a beleza e a humilhação dos vencidos que não representa um diletantismo de compromissos mas a vontade de tudo viver, e sobretudo de preservar dentro de si uma âncora interior, um ponto único de referência susceptível de amalgamar à sua volta a dispersão do mundo. Tentativa, sempre recomeçada porque sempre derrotada, de tudo unificar de uma só vez! (42)

Talvez aquela mesma suspensão do tempo que Meursault descobre pouco antes de morrer derive de idêntica «vocação pendular»

do leitor, do editor, do encenador, do escritor. *No devagar depressa dos Tempos*, tal é o título que Marcello Duarte Mathias deu aos seus diários, dados a lume desde 1980. Talvez neste título, inspirado em Guimarães Rosa, haja alguma coisa de Camus, e até um pouco de Aldo Manuzio.

Continuamos a tentar perceber aqui porque lemos e relemos este livro como um renovado gosto. Certo é que temos para com ele uma dívida de juventude. Sempre este livro nos ajudou a ler sozinhos entre equívocos estabelecidos, num tempo em que um aluno liceal português lia logo no secundário, com maior ou menor entusiasmo, *L'Étranger*. Também a nós nos parecia que o fascínio exercido por Albert Camus na nossa geração não era o fascínio que tínhamos pessoalmente por ele. Camus era, no mundo institucionalizado, o existencialista das caves dos cafés parisienses, o defensor do suicídio que se teria matado ao volante, o ateu humanista, o provocador que concebe uma personagem que mata por causa de um dia de sol, o filósofo do absurdo... E todavia, no mundo da leitura íntima, Clamence lançava ainda ironias sobre os cafés conimbricenses sem esplanada, Sísifo questionava o suicídio como solução filosófica, e o Dr. Rieux parecia-nos cristão em tudo o que não fosse ganhar depois o céu. Entre o mundo das normas e o mundo íntimo, lá estava Camus no seu jardim de Getsemani, filósofo do absurdo contra o absurdo em que nos deixávamos atolar, nós, geração pela primeira vez livre para nos expressarmos em público. Lá figurava ele na lista de um governante liberal, entre os autores que incitavam ao suicídio e se deviam evitar. Afinal não morreu ao volante, mas no lugar do morto. Mas como pode o mito invadir desta maneira a informação histórica? O bálsamo para a solidão que foi ler sobre *A Felicidade em Albert Camus*!

Em 1982, este era dos poucos livros sobre Camus que tentavam desfazer equívocos sobre a sua obra. Só o título era uma provocação. Quase burguesa. Tornava exprimível essa ideia de solidão ilegível, de solidariedade que se queria afastar de todo esse palavroso humanismo ou «gargarismo moderno» (127n). Podia-se ler na edição de 1978 e agora quase *ipsis verbis* na reedição de 2013: «desde a esotérica investigação psicanalítica à ediçãozinha de divulgação didáctica destinada a alunos liceais ou aos bolseiros da Alliance Française, a tudo *O Estrangeiro*, cobaia complacente, se submeteu. E sobreviveu a tudo!» (94).

Em 2014, *A Felicidade em Albert Camus* é ainda um discreto repositório de intuições críticas. Encontramos nele pormenores que foram passando despercebidos a grande parte da crítica académica. Leva-nos a ver de mais perto a presença dos velhos, «póstumos a si mesmos e a tudo o que os rodeia», ao longo das páginas d'*O Avesso e o Direito* (37). Faz-nos refletir sobre a paródia da linguagem jurídica em *O Estrangeiro* ou em *A Queda* (102, 105, 111, 191). Alerta-nos para a presença fantas-